

JOSÉ PAULO SERRALHEIRO

# Reinventar os Sistemas Educativos

A solução não está em mais reformas  
mas na sua radical reinvenção

## ÍNDICE

1. Tudo continua na mesma – Fevereiro 1992.....	9
2. Informação alternativa – Junho 1992.....	10
3. Algo de velho no novo .....	13
4. E algo de novo no velho – Julho 1992 .....	13
5. Públicas hesitações, vícios privados – Dezembro 1992.....	15
6. Sérios e asseados – Fevereiro 1993 .....	17
7. Felicidade Nacional .....	19
Os síndicos /valor ao tempo /síndicos e sacerdotes/trabalhadores e síndicos – Março 1993	
7. “Lei e Ordem num país de refilões de ocasião” – Abril 1993 .....	21
8. “1 milhão de analfabetos” – Maio 1993 .....	23
9. Até sabíamos o que era o mastoideu – Outubro 1993 .....	26
10. Brincadeiras de verão – Agosto/Setembro 1994 .....	28
11. Precisa-se Sistema Educativo .....	31
12. O velho já não aguenta reformas – Outubro 1994.....	31
12. Continuem a falar	
Que eu vou mijar e já venho – Novembro 1994.....	34
13. Reformados VS Refundadores – Dezembro 1994 .....	37
14. Chegou o tempo de reabrir as janelas – Janeiro 1995.....	39
15. Contradições à margem – Fevereiro 1995.....	43
16. DPI de A a Z (um Dicionário Politicamente Incorrecto) – Maio 1995 .....	46
17. Falem de pássaros em Outubro – Agosto/Setembro 1995.....	49
18. Mudam os tempos, mudam as vontades, só a escola não tem mudado – Outubro/Novembro 1995 .....	52
19. Regresso ao tempo dos cidadãos – Janeiro/Fevereiro 1996.....	55
20. Perguntar e protestar – Junho 1996.....	58
21. Nem ousadia, nem, tão pouco, bom senso – Julho/Agosto 1996 .....	61
22. Sinais difíceis de suportar – Setembro 1996 .....	63
23. Democracia, Sindicalismo, Representatividade e Direito à Negociação – Maio 1997 .....	66

24. Que fazer? da certeza à incerteza! – Junho 1997.....	71
25. Regressar com esperança para agir com inteligência .....	74
A paixão pela moeda única continuará a manter em lume brando a paixão pela educação – Agosto/Setembro 1997	
26. Telemóvel ou CD ROM? – Fevereiro 1998.....	77
27. Maior decência (social e salarial) para a docência .....	80
Estatuto profissional do professor continua em baixa – Março 1998	
28. Massificação – Março 1998.....	81
29. A (im)perfeição humana neste final de século – Abril 1998 .....	83
30. Globalizações – Maio 1998 .....	86
31. Beijinhos em rodapé – Junho 1998.....	93
32. Crise sem revolta – Fevereiro 1999 .....	95
33. Pais nossos preocupados – Março 1999 .....	97
34. O diabo que o carregue – Setembro 1999 .....	100
35. A toque de caixa – Outubro 1999.....	104
36. O Ensino Secundário não é uma ponte entre o Básico e o Superior .....	105
– Dezembro 1999	
37. Uma ditadura plural – Janeiro 2000.....	108
38. Fim da História? .....	111
Nem pensar, “a coisa ainda mal começou” – Fevereiro 2000	
39. O peso das palavras – Março 2000.....	114
40. Nada se Cria, Nada se Perde – Maio 2000 .....	117
41. Pensar a (i)legalização das drogas – Junho 2000 .....	119
42. Estão licenciados ignorantes e desempregados – Outubro 2000.....	121
43. Os pássaros aprendem a cantar durante o sono – Dezembro 2000.....	124
44. Distância não assusta – difícil é viver perto – Janeiro 2001.....	127
45. Educar pessoas é diferente de produzir recursos humanos – Fevereiro 2001.....	132
46. Novo paradigma no acesso à profissão docente – Abril 2001.....	135
47. Será um burro totalmente imprevisível? – Maio 2001 .....	138
48. Isto das crianças é uma coisinha que morre muito – Junho 2001.....	141
49. Eles dizem que ficam... nós ficamos – Agosto/Setembro 2001.....	144
50. Oxalá (In xā Allah = queira Alá = Deus queira) – Outubro 2001 .....	147
51. Subjacente às palavras e aos actos – Fevereiro 2002.....	151
52. Manifestamente decepcionante – Março 2002 .....	153
53. A sicilianização do mundo – Ao lixo social – Abril 2002 .....	156

## Prefácio

A riqueza dos textos do Zé Paulo é indizível e indiscriminável. Um projeto aberto e inacabado, nascido na *Página da Educação* que acompanha o seu trajeto pessoal e profissional, construído de uma forma lúcida e emancipadora – uma autoridade pedagógica e política das coisas públicas –, recriado no dia-a-dia através da partilha de ideias, conhecimentos, emoções, valores e uma praxis pedagógica que nos ajuda a encontrar o sentido da vida e a consciência dos limites da condição humana.

Um livro denso, de questões simples mas profundas, com uma linguagem comum de resistência ao silêncio – “Um Dicionário Politicamente Incorrecto” – que aviva a memória e percorre os diferentes cantos do mundo, descoltando a *sociedade do espetáculo, o pensamento único, a desqualificação da democracia, o jogo cego do mercado, o educuês*, e que abre caminhos para a reinvenção dos sistemas educativos em espaços públicos de educação/formação através do exercício democrático e do *regresso ao tempo dos cidadãos*.

Vale a pena recordar as suas palavras aquando do nascimento da *Página da Educação*:

*Um projecto que se quer nunca acabado, limitado a exigir de cada um de nós poder de síntese, um outro modo de ver o pluralismo e a diversidade. (...) Não o pluralismo e a diversidade dos liberais que reconhecem o direito de cada um ficar em seu sítio e com a sua razão. Mas o pluralismo e a diversidade que nos obrigam ao confronto de ideias e modos de ver que, arrancando-nos da nossa razão e da nossa verdade, nos ajudam a construir colectivamente outras verdades, outros olhares.*

*Queremos uma Página que seja um dos pontos de encontro daqueles que na escola e nos espaços reservados à actividade cultural combatem o conformismo, a sujeição, o deixar andar, a degradação, a desigualdade, porque acreditam no prazer de viver e que todos homens e mulheres têm o direito ao exercício pleno da cidadania. (...) Uma Página que cruze a racionalidade da ciência com o saber e a emoção da poesia. (...) Uma Página não asséptica, com cheiro a gente e a vida, que não se importe de*

*errar e de ser corrigida. Uma Página que contribua para o combate à mediocridade da escola e da cultura e à submissão dos seus principais intervenientes os professores e os alunos. (...) Uma Página que não aceite a lógica que procura transformar a escola em fábrica, os alunos em mão-de-obra, os professores em operários especializados, os conselhos directivos e conselhos escolares em directores fabris, os coordenadores de grupo em capatazes. (...) Uma Página que contribua para defender o prazer do trabalho sem nos fazer esquecer que a vida tem outros prazeres. Uma Página sempre aberta, que contribua para nos inquietar e libertar do fatalismo e pessimismo de que nos querem imbuir e nos ajude, pelo menos de vez em quando, a dizer como disse o poeta "eu não vou para aí".*

Efetivamente, o Zé Paulo prevendo a falência do sistema que estamos a viver – gastamos as palavras e a vida com remendos educativos, sociais, culturais, económicos, financeiros, tecnológicos e políticos, aplicando “velhas soluções para velhos problemas” – renova a esperança, questionando os donos do mundo e os distraídos e cria novas pontes alicerçadas nos afetos e no diálogo multi-intercultural/intergeracional solidário que promove o desenvolvimento humano em cada pessoa, comunidade, região, nação – local e global.

Além disso, a *pedagogia da crise* que atravessa as suas reflexões e as propostas de ação para combater as misérias do mundo que, embora evidentes não as queremos ver, cruzam-se na renovação dos laços sociais e nas narrativas dos diferentes atores do sistema educativo que lutam pelo ensino universal, pela escola pública de qualidade, por novos paradigmas de formação docente, nova cultura organizacional das escolas, potenciando pedagogicamente as TIC para combater as desigualdades socioculturais e as exclusões educativas.

Na verdade, o Zé Paulo, fiel a si próprio – alicerce de princípios e operário da sensibilidade face aos problemas – vai ao fundo das suas memórias e revindica a sua pertença de ser professor, sindicalista, cidadão, jornalista, submetendo-se ao escrutínio dos leitores num diálogo reflexivo de cumplicidade e de aposta em utopias pedagógicas e sociais. A retórica da inevitabilidade e do fatalismo, imposta pelas práticas neoliberais e pela normalização do pensamento único, é confrontada e desconstruída com valentia cívica/política pela ética da responsabilidade.

Conheço poucos textos tão reflexivos e críticos, embora tão cordiais e subtis. A ligação entre ideais, princípios e sabedoria prática faz parte do seu trajeto, sendo um dos aspetos mais relevantes do seu discurso e processo reflexivo a educação na e com a vida ao longo da vida.

É justo sublinhar que o Zé Paulo abriu as portas da prisão, enquanto margem, reabriu as janelas para o debate – *uma cultura de acordo e desacordo* –, deixando claro que não queria ser cúmplice de um sistema educativo transformado no *cemitério do prado do repouso*. Vem isto a propósito de um texto em que o autor refere:

*Faz agora dez anos publiquei um “manifesto a favor da reinvenção do sistema educativo”. Ninguém deu por ele. Não sei se por não ter conteúdo que valesse a pena pensar, se por não estarem na moda os manifestos ou mais simplesmente por eu ser apenas um popular.*

Andamos bem avisados, todavia, sem nos apercebermos, matamos o mensageiro. Ele é claro quando defende a reinvenção dos sistemas educativos em que os seus alicerces não são fábricas, nem empresas, nem prisões, nem monstros burocratas, nem *a sublime paixão pelo moeda única antes de tudo*, mas projetos democráticos que tenham como esteios a polis, a democracia, a liberdade, a igualdade, a justiça, a responsabilidade, o pluralismo, a solidariedade, a participação e a autonomia em que a educação e a cultura sejam as pedras angulares do projeto humano da humanidade.

Sem qualquer nostalgia, mais uma vez o Zé Paulo tinha razão: (...) *Os fundamentos que me levaram a escrever tal manifesto parecem estar agora mais actuais*, exigindo novas respostas sociais, políticas e educativas. Todavia, a globalização económica – *todos clientes do supermercado mundial* – tem agido com total desprezo pela vida humana, sendo o dinheiro o bem supremo, a política ao serviço da ganância e as leis feitas à medida dos poderosos, (...) *A mercantilização de tudo. Passaram a ser valores da civilização ocidental e até pressupostos da chamada sociedade livre.*

*As máfias organizaram-se em rede mundial. Concertaram os interesses dos negócios legais com os ilegais. Criaram paraísos fiscais. Concentraram poderes. Distribuíram bens, poderes, direitos e deveres entre si. Controlados os negócios privados iniciaram o desmantelamento dos Estados e o processo de apropriação privada dos bens públicos.*

*Não tenho fé cega na bondade do sector público, o qual tem qualidades e defeitos e deve ser construído e desconstruído permanentemente. Mas não acredito nas virtudes imaculadas do sector privado.*

Consciente do clima de insatisfação, indefinição e instabilidade dos sistemas educativos, existindo mesmo um certo desencanto em relação às reformas e às mudanças ocorridas nos últimos anos, deixa claro que vale a pena reinventar a

educação e a cidadania através da participação democrática, do compromisso de todos e de cada um para melhorar o nosso futuro coletivo.

Tendo em conta a conjuntura atual – turbulência dos mercados, corrupção, violência, crise da União Europeia, medo do futuro, a situação específica que Portugal atravessa (desinvestimento na educação, na saúde, no trabalho, etc., agravando as desigualdades socioeconómicas, o desemprego e a pobreza) – a sagesa, a ação continuada ao longo dos anos e os desafios lançados pelo Zé Paulo exigem uma nova ordem ética/política e um novo pacto socioeducativo para os tempos que estamos a viver. Reinventar um mundo para as pessoas – a educação tem de estar na cabeça e no coração dos cidadãos – em que os Direitos Humanos ganhem asas e criem *esperança para agir com inteligência*.

Um livro de leitura obrigatória para todos os educadores e professores, pedagogos e investigadores, pais e encarregados de educação, bem como para políticos e cidadãos, já que percorre vários andamentos da nossa história contemporânea, analisados pelo autor entre fevereiro de 1992 e abril de 2002.

O sonho do Zé Paulo – “o desenvolvimento de um portal na internet e a edição de um número de revista no primeiro dia de cada estação do ano” – cumpriu-se. Queremos honrar a sua memória e o seu legado, juntando-nos à sua voz na reinvenção dos sistemas educativos.

**Américo Nunes Peres**  
UTAD-Pólo de Chaves

## TUDO CONTINUA NA MESMA

Vivemos um tempo em que a tendência para a homogeneidade do pensamento e das palavras é de tal ordem que são raros os que se atrevem a por em causa muitos dos valores míticos consagrados por uma espécie de nova igreja.

A cultura e a informação parecem tender para assumir o lugar que noutros tempos foi ocupado pela religião. Os lugares de culto são cada vez mais os órgãos de comunicação social tomando a televisão o lugar de grande basílica.

Neste quadro, a informação e a cultura vão tendo os seus profetas, os seus padres e até as suas assembleias de dignatários.

Tal como nos momentos históricos de maior favor religioso as celebrações são quotidianas, diversificadas e os fiéis temem a condenação eterna quer por faltarem aos actos ou por se afastarem dos preceitos apologeticamente defendidos pelos novos celebrantes.

Os que procuram o prestígio e o reconhecimento social não se apresentam com vestes de bispo nem invocam a palavra de Deus ou do Papa. Apresentam-se com fatos e gravatas comprados nos seleccionados armazéns dos actuais paramentos, citam directivas da CEE, invocam relatórios da OCDE, afirmam a sua fidelidade ao Banco Mundial, prescindem da realidade nacional.

Se algum atrevido, ainda que timidamente, põe em causa alguma das sábias e documentadas afirmações, não é ameaçado com a fogueira ou com as penas do inferno, mas liminarmente condenado ao mundo dos ignorantes, dos conservadores, dos incapazes, podendo, em casos de maior gravidade, ser mesmo acusado e condenado como perigoso inflacionista, desequilibrador da balança de pagamentos, aumentador do peso da despesa pública, ou, caso gravíssimo, sabotador do crescimento económico.

Aqui há dias vi, na grande basílica que é a RTP, uma celebração que tinha como oficiante principal o senhor ministro das Finanças. Sua excelência celebrava o temido

TÍTULO

**Reinventar os sistemas educativos**

A solução não está em mais reformas  
mas na sua radical reinvenção

AUTOR

José Paulo Serralheiro

EDIÇÃO

PROFEDIÇÕES, Lda./ Jornal a Página

COLEÇÃO

a Página

CAPA

Teresa Viana

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito - Empresa Gráfica, lda.

Tiragem

750 exemplares

Depósito legal

337980/11

ISBN

978-972-8562-67-0

1.ª Edição Dezembro 2011

**PROFEDIÇÕES, Lda. / Jornal a Página da Educação**

R. D. Manuel II, 51 C – 2.ª andar – sala 2.5

4050-345 Porto

Tel. 226 002 790 • Fax 226 070 531

livros@profedicoes.pt

redacao@apagina.pt

<http://www.apagina.pt/>

<http://www.profedicoes.pt/livraria>